



EDUCAÇÃO POPULAR: desafios postos pela pós-modernidade

Loren Pelik Kempe Anhucci¹
Claudia Neves da Silva²

Resumo

A educação popular pode ser conceituada enquanto um fenômeno sócio-cultural e apenas uma das concepções de educação existentes. A educação popular, objeto de estudo deste artigo, contempla múltiplas práticas com características diversas e complexas, quem tem em comum a intencionalidade transformadora, que se opõe a um modelo educativo autoritário e reprodutivista. A partir de uma reflexão teórica, pretende-se apresentar e analisar elementos que se mostram enquanto desafios postos pela pós-modernidade à educação popular, levando em consideração as transformações do mundo cultural e a necessidade de mudanças em seu projeto emancipatório.

Palavras-chave: Educação Popular; Pós-modernidade; Desafios.

Abstract

The popular education can be conceptualized as a social-cultural phenomenon and one of the only existing conceptions of education. The popular education, object of study of this paper, includes multiple practices with diverse and complex, who have in common the intention transformative, as opposed to an educational model authoritarian and reproductive. From a theoretical analysis, we intend to present and analyze elements that show up as challenges posed by postmodernity to popular education, taking into account the changing world and the need for cultural change in its emancipatory project.

Keywords: Popular education; postmodernity; challenges.

¹ Doutor. Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lorenkempe@yahoo.com.br

² Doutor. Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: claudianeves@sercomtel.com.br



1. INTRODUÇÃO

É impossível resumir em poucas palavras as conceituações e concepções sobre educação formuladas por educadores, pesquisadores e profissionais diversos.

Considerando a amplitude do assunto pretende-se neste artigo, a partir de um recorte, trazer elementos para reflexão acerca da Educação Popular e os desafios colocados pela pós-modernidade.

Razões para destacar a importância de se discutir a Educação Popular e como os movimentos populares vêm reorganizando a sua prática, na atualidade, não faltam, dentre eles pode-se destacar a crise dos paradigmas tradicionais nas dimensões econômica, política e social. Outro importante desafio posto à educação popular é a transformação do mundo cultural pós-moderno e a necessidade de mudanças no projeto emancipatório da população oprimida em todo o mundo.

2. EDUCAÇÃO POPULAR: REFLEXÕES PÓS-MODERNAS

A formação sócio histórica, econômica e política do Brasil foi marcada por valores que ainda prevalecem intactos. Segundo Holanda (1995), trata-se da manutenção de atitudes e comportamentos que apontam para a cristalização de uma cultura política caracterizada pelo patrimonialismo, clientelismo e autoritarismo no trato da coisa pública. Assim, partindo deste pressuposto, afirma-se que o Estado brasileiro capitaneado pelos representantes da burguesia nacional e internacional, historicamente esteve voltado para o atendimento das demandas de uma minoria da população, na medida em que os recursos públicos são apropriados por uma pequena parcela da sociedade. Esta estrutura que favorece setores da burguesia é mantida, através da permanência de relações sociais que privilegiam parcela restrita da população brasileira.

Considerando as mudanças implementadas, não para favorecer as massas populares, mas sim para continuar atendendo aos interesses da elite, no Brasil ainda não houve alterações significativas que pudessem se traduzir em mudanças estruturais no sentido de propiciar melhores condições de vida a toda a população.



É neste cenário que, historicamente, a Educação Popular tem sua origem teórica vinculada às análises que buscavam além da crítica ao sistema capitalista, buscavam alternativas concretas de superação às consequências oriundas da sistemática exploração, marginalização e opressão das classes populares pelo sistema sócio-político vigente há anos.

Essa origem histórica da Educação Popular, que no Brasil se configura no início dos anos 1960, emerge do embate político e ideológico e, acima de tudo, da postura ética em favor de uma sociedade mais justa, igualitária e, por isso mesmo, humanizada social e culturalmente. Portanto, a postura crítica diante da realidade social produzida pelo capitalismo, que sempre inspirou os teóricos da Educação Popular e impulsionou as linhas de atuação dos movimentos sociais progressistas, é uma decorrência natural de uma postura política e ética coerente, que está comprometida com os oprimidos, historicamente desumanizados pelo próprio sistema social em questão (ZITKOSKI, 2007, p. 06).

Por estas razões apresentadas e por um grande interesse com um novo projeto de sociedade, desde os anos 1960, é que a Educação Popular cultivou, como instrumento para entendimento da realidade, a teoria marxista, nas diferentes versões de seu vasto conjunto de fundamentações político e filosóficas.

Entretanto, segundo Zitkoski (2007), esse instrumento utilizado – a teoria marxista - por mais consistente que tenha sido em contextos e conjunturas anteriores, não é mais suficiente para dar repostas à atual conjuntura social, econômica e política. O capitalismo em curso hoje já não é mais o mesmo de duas ou três décadas anteriores. Em sua versão neoliberal - que vem tornando a sociedade muito mais complexa, e que se arrisca a resistir à sua lógica opressora e excludente – a racionalidade sistêmica desse novo ciclo capitalista altera de forma profunda as formas de produção econômica e de exploração do trabalho, além do aprofundamento do controle sobre o cotidiano da vida das pessoas.

Diante deste cenário é necessário refletir que, este novo fenômeno concreto de mudanças do capitalismo globalizado solicita novas repostas para seu entendimento que vão além do que a teoria marxista propunha. Para Haesbaert et. al. (2006),



A dimensão econômica permite visualizar muito bem o pano de fundo sobre o qual se desdobra a atual des-ordem mundial. As mudanças ocorridas na economia nas últimas décadas podem demonstrar como o jogo de poder mundial está subordinado aos interesses do grande capital e das grandes corporações transnacionais, sem falar nos organismos internacionais que atuam como verdadeiros gerentes da economia global, em especial o capital financeiro, como o Banco Mundial e o fundo Monetário Internacional. [...] Uma nova ordem mundial (ou internacional), ainda que essa definição privilegie uma estruturação no nível político, aparece intimamente articulada a uma nova divisão internacional do trabalho, que abrange a reestruturação econômica do espaço mundial (HAESBAERT et. al., 2006, p. 31).

O autor explica ainda que a crise vivenciada nos últimos 20 ou 30 anos demonstra bem a profundidade das transformações de natureza política e econômica que levam a indicar a formação de uma “nova des-ordem mundial”, neste sentido, a que salienta que não se trata de um movimento visivelmente definido.

Se, no passado, a luta contra o capitalismo era fundamentada na organização dos operários – no fortalecimento de movimentos sindicais e articulação de diferentes setores da classe trabalhadora – na atualidade essa estratégia encontra-se abalada.

Para Zitkoski (2007) esse é um dos principais motivos da crise em que se encontram os movimentos sociais tradicionais.

No contexto do mundo econômico atual, o capitalismo neoliberal, através de estratégias político-econômicas muito sutis e de uma lógica mais depurada a partir da racionalidade instrumental pretensamente hegemônica, tornou-se perverso para as classes sociais mais desprotegidas e historicamente marginalizadas, causando uma verdadeira inversão na ordem dos embates político-sociais. Ou seja, a regra dos não proprietários, que em tempos anteriores era lutar para não serem explorados pelo patrão, hoje, salvo exceções, é lutar para que se consiga um lugar no sistema de exploração da força de trabalho, que, cada vez mais, se transforma em um verdadeiro turbilhão de concorrência e da luta por um emprego, não importando a qualidade e condições de remuneração do mesmo (ZITKOSKI, 2007, p. 08).

Em consequência dessa realidade social, há abalos e transformações significativas no que diz respeito à organização e atuação prática dos movimentos sociais e da Educação Popular. Ainda segundo o mesmo autor, é necessário repensar seus fundamentos teórico-práticos à luz de um novo contexto, no qual se inserem mudanças



sociais, provocadas pela nova lógica econômica mundial. A que se ter também uma reflexão a propósito dos pilares de sustentação da Educação Popular, uma vez que paradigmas tradicionais já não dão respostas a novas demandas, haja vista a complexificação da vida em sociedade.

Gonsalves *apud* Zitkoski (2007, p. 08) afirma que,

Essa crise de paradigma assinala o esgotamento ou questionamento de diversos projetos e tem levado à necessidade de redefinição da Educação Popular na atualidade. A visão do global e do político começa a ser revista; muitas incertezas teóricas e políticas cedem terreno para a atitude modesta de quem “descobre” uma realidade nova. Essa compreensão indica um trabalho educativo radicalmente diferente do que se propôs como Educação Popular até então.

É por fatores como estes que a Educação Popular, frente ao desafio de repensar sua prática, deve atentar-se para as transformações mais recentes no âmbito da cultura, com o fenômeno da descentralização e multiculturalismo, a fim de produzir novos mecanismos que conduzam a democratização dos espaços públicos e ao empoderamento das pessoas envolvidas.

Neste sentido é possível entender a Educação Popular como um caminho ideal a ser seguido com vistas à promoção dos direitos, contudo, para que isto ocorra é preciso que a mesma vá além da democratização da alfabetização e seja voltada à conscientização da população sobre sua condição social e econômica. Uma educação que permita, de forma sistemática, a participação na formação, fortalecimento e instrumentalização das práticas e dos movimentos populares [...] *com o objetivo de apoiar a passagem do saber popular ao saber orgânico, ou seja, do saber da comunidade ao saber de classe na comunidade* (BATISTA, 2007, p. 36).

Contudo, como já explicitado anteriormente, a própria Educação Popular, bem como outros setores da vida em sociedade, como a economia, política, organizações sociais vem passando por uma crise em seus paradigmas tradicionais, a qual é apenas uma parte de uma crise mais profunda, residente do âmbito cultural e que atinge a totalidade da vida humana em seu cotidiano em sociedade – a crise do paradigma filosófico científico da modernidade, como bem afirma Zitkoski (2007).



Neste sentido a Pós- Modernidade, como é conhecida, engloba uma série de discussões filosófico-científicas, que buscam romper com as principais teorias inspiradoras do projeto civilizatório da modernidade ocidental. Para Zitkoski (2007), a Pós-Modernidade é uma implicação da crise do projeto civilizatório moderno. Esse movimento de denúncia e problematização da cultura e da civilização é para ele, um aspecto positivo desta corrente de pensamento, contudo, é importante salientar a existência de diferentes leituras e diferentes intelectuais que deram início à crítica ao pensamento moderno, e dessa forma, não há como defender uma única posição em se tratando de movimento cultural e filosófico pós-moderno³.

Taschner (2009) afirma que o conceito “pós-modernismo” passou a ser utilizado pelas Ciências Sociais recentemente e tinha como objetivo analisar a vida nas sociedades capitalistas ocidentais contemporâneas. Em linhas gerais, para a autora, a pós-modernidade tem como contraponto a modernidade e seu debate contemporâneo vem da sensação de que a sociedade vive hoje uma série de alterações que afetam a todos direta e indiretamente. Taschner (2009) salienta ainda que a utilidade de um conceito como o de pós-modernidade está justamente no fato de que o mesmo permite e fornece as possibilidades de que processos históricos sejam examinados “*sob uma nova luz*”, rompendo com conceitos ideológicos, dominantes até então.

Ainda segundo a mesma autora, as críticas pós-modernas, realizadas pelos diferentes intelectuais que se propuseram a estudar o assunto, apontam aspectos incoerentes da modernidade e, dessa forma possibilitam ampliar o debate em torno das alternativas dos movimentos sociais, articuladas com a proposta transformadora da Educação Popular, na construção de um novo projeto societário.

Assim, há implicações para esta modalidade educacional que estão diretamente relacionadas com o acúmulo da reflexão teórica pós-moderna, dentre as quais Zitkoski (2007) irá destacar: a recusa, por parte da Educação Popular, de posições dogmáticas e visões filosófico-científicas de caráter determinista, com a finalidade de

³ Considerando o objetivo principal deste artigo, não é possível analisar de forma mais profunda os diferentes desdobramentos do pensamento pós-moderno. Buscou-se apenas apresentar, de forma sucinta, alguns aspectos pertinentes e que dessem base para reflexão acerca da Educação Popular e os desafios postos à mesma na pós-modernidade.



atualizar sua fundamentação teórica e revisar suas práticas em coerência com a teoria que lhe dá sustentação. Neste sentido o pensamento pós-moderno conseguiu “*libertar-se do peso da tradição ocidental*”, e pôde contribuir para a superação de um olhar economicista no modo de idealizar a realidade social.

[...] Nessa direção, Freire defende que hoje devemos ser pós-modernos progressistas, no sentido de que devemos estar menos certos de nossas certezas e ficarmos abertos ao tempo novo, às novidades da história, que no presente nos desafiam e tanto mais desafiarão em tempos futuros. Portanto, não podemos jamais fixar nosso modo de pensar, ver a realidade e de agir no mundo, mas, ao contrário, devemos manter a humildade para construirmos novos saberes a partir da realidade que se transforma e da cultura popular que se recria (ZITKOSKI, 2007, p. 25)⁴.

Neste sentido, Freire citado por Zitkoski (2007, p. 25), defende a ideia de que, assumindo a humildade em face das classes populares, as pessoas se tornem [...] *pós-modernamente menos certos das certezas*”, permitindo assim que [...] *nessa constante dialética, homens e mulheres façam e refaçam o mundo e assim a história vai sendo efetivamente construída*”.

Para a Educação Popular há que se respeitar o sentido da história humana e da vida em sociedade. A partir das teses pós-modernas é possível defender e reconhecer as diferentes realidades, da qual se deve estabelecer o respeito mútuo entre os diferentes, entendendo que não há uma única verdade pré-definida, mas que existem verdades construídas historicamente pelas relações interpessoais. É esse sem dúvida,

[...] o caminho mais fecundo e criativo para que, mantendo a utopia e o projeto de transformação social, possamos impulsionar novas práticas libertárias capazes de romper com a inércia das massas populacionais, hoje anestesiadas pela cultura industrial, alienante e homogeneizadora das consciências. A partir de cada realidade local, ou regional, é possível articular movimentos mais amplos de resistência, lutas e caminhos alternativos rumo à construção de um mundo mais livre, humano e solidário (ZITKOSKI, 2007, p. 26).

⁴ O autor se refere a FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.



Nessa linha de pensamento, a Educação Popular deve alçar a efetivação de um projeto societário que realmente seja democrático, e por isso mesmo, respeitador das diferenças, a partir de novas formações culturais mais abertas e autocríticas, capazes de se reinventarem frente às mudanças da realidade social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se a Educação Popular enquanto aquela feita pelo e para o povo. Se a mesma não for construída com a participação crítica do povo, a mesma irá servir tão somente com a reprodução da ideologia dominante. Assim, embora popular, servirá aos interesses daqueles que ainda ditam as regras. Diante das transformações mundiais é preciso que a Educação Popular, e os movimentos populares como um todo, repensem sua base fundamentadora, e com isso sua prática transformadora.

O grande desafio, para Zitkoski (2007, p. 35), é o de dar início a procedimentos de formação de consciências problematizadoras da realidade, afirmados pelo diálogo crítico e libertador, “*enquanto base da práxis efetivadora de uma cultura [...]*” - para além da reprodução do eurocentrismo – que servirá de alicerce para novos arranjos políticos, sociais e econômicos na construção de um mundo mais justo e humanizado.

A racionalidade técnica – herdada do positivismo e, segundo a qual, a atividade profissional é acima de tudo instrumental, e que ainda predomina na maioria das instituições de ensino regular – já não atende às atuais necessidades para a formação dos sujeitos da cultura Pós-Moderna. Esta, sem dúvida, desencadeou uma mudança paradigmática em todos os níveis de compreensão do ser humano, da certeza e ordem, há a substituição por uma cultura de incertezas e indeterminação.

Pensando neste cenário e neste “*novo sujeito*” é que se torna de fundamental importância que se compreenda a educação não mais para o conformismo e a reprodução do que está posto. Ao contrário, a mesma deve estar voltada para a liberdade e autonomia dos sujeitos.



REFERÊNCIAS

BATISTA, Aline Maria de Melo. Educação Popular: algumas reflexões para uma análise prospectiva desse paradigma educativo. **Revista Comunicação & Educação**. Vol. 12. No. 03. São Paulo: 2007, dez. Disponível em < http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.pdf?=50104-68292007000300005&script=sci_arttext > Acesso em 05/02/2013.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A nova des-ordem mundial. **Coleção Paradidáticos**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TASCHNER, Gisela. **Cultura, Consumo e Cidadania**. Bauru: EDUSC, 2009.

ZITKOSKI, Jaime José. Educação Popular e Pós Modernidade: um olhar em tempos de incerteza. **Cadernos IHU**. Ano 5. No. 21. 2007. Disponível em < <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/021cadernosihu.pdf> > Acesso em 01/02/2013.